

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

DIRECTOR
Michel'angelo Lambertini

Instituto, R. Jardim Regedor, 13 e 15

EDITOR
Ernesto Vieira

SUMMARIO — Edouard Lalo — Musica Religiosa — Concertos — Augusto Machado — Beethoven — De Paris — Colysen dos Recreios — Noticiario — Necrologia.

o violinista Armingaud, sociedade que tendo sido uma das primeiras estabelecidas em Paris, tornou-se tambem uma das melhores.

A convivencia com as obras dos grandes classicos, que eram estudadas com extre-

EDOUARD LALO

PARA combater com exito nas grandes batalhas da vida é preciso juntar astucia ao denodo, pois que este só por si é muitas vezes vencido por aquella. O mais valoroso combatente cahe exanime quando a sinceridade, a confiança ou o grande espirito lhe inspiram desprezo por alardes, embuscadas e outras artimanhas com que triumpham os que sabem d'ellas servir-se.

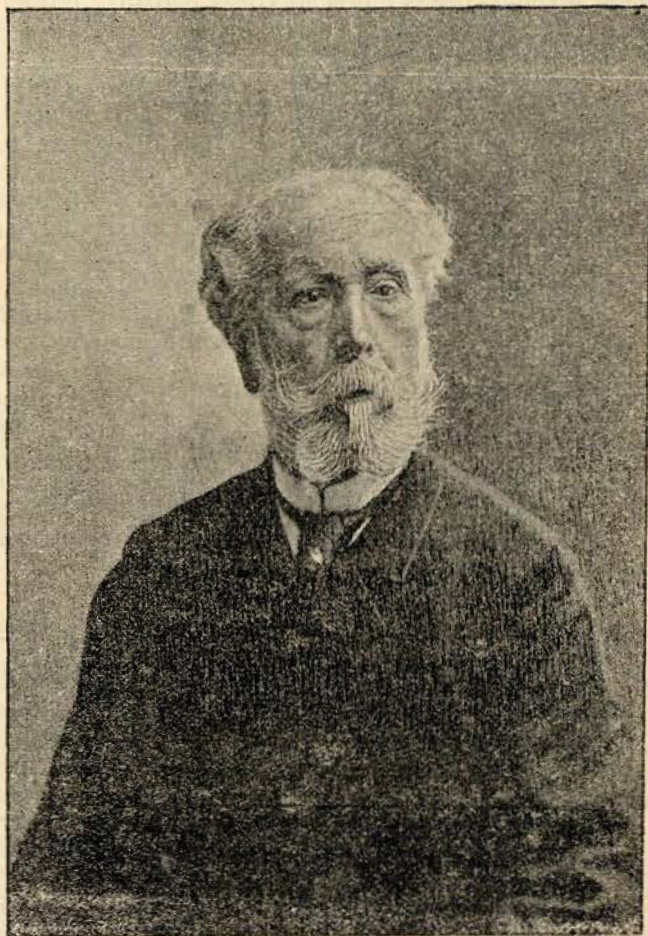
Succede que tempos depois de extinctos vencidos e vencedores, a justiça abre os olhos. Distribue palmas de martyrio aos primeiros e manda para a valla commum os segundos.

Boa justiça para mortos!
D'ella se riem os vivos manhosos.

São em numero infinito e por demais conhecidos, os exemplos d'essa justiça posthuma.

Edouard Lalo é um d'elles. Pouco prosperou e muito soffreu em quanto vivo. Logo que cerrou os olhos, foi o seu nome inscripto entre os que mais brilham na historia da arte franceza contemporanea.

Nasceu Edouard Victor Antoine Lalo em Lille, a 27 de janeiro de 1822. Filho de humilde familia, estudou os principios de musica e violino no conservatorio d'aquella cidade, e logo que se julgou com sufficiente aptidão veiu a Paris em busca de fortuna. Pouco depois entrou como viola para a sociedade de musica de camara que em 1855 tinham fundado o violoncellista Jacquard e



moso cui ado pelo quartetto Jacquard, contribuiu para desenvolver a educação artistica do exordiente, levando-o a seguir uma orientação superior, incitando-o a trabalhar sem descanso no proprio aperfeiçoamento. Foi por essa época que elle conseguiu vêr publicadas as suas primeiras composições para violino e piano, das quaes a que tem o n.º 1 é uma «Phantasia» em lá maior. Es-

sas primeiras obras foram acolhidas favoravelmente, e bem depressa se lhes seguiram outras de mais largo folego: um trio com piano, obra 7, uma sonata para violino e piano, obra 12, etc.

Estes trabalhos porém ficavam apenas conhecidos de um pequeno grupo de amadores, e o publico em geral, que se instrue unicamente nas noticias reclamos dos jornaes diarios, não tinha o menor conhecimento do nome de Lalo.

Só em 1868 é que um acontecimento notavel trouxe esse nome á imprensa quotidiana: o governo imperial tinha no anno antecedente estabelecido concursos de operas, cujo premio seria a sua representação nos theatros subsidiados. Caso frequente em concursos, concederam-se os premios a obras insignificantes cujos auctores não sahiram da mediocridade, ficando vencidos outros de verdadeiro valor; n'esses concursos foram votados á inferioridade nada menos que Massenet, Bizet, Guiraud e Lalo, não contando outros que deixaram occultos os seus nomes. Lalo tinha apresentado uma opera — «Fiesque» — libretto extrahido do drama de Schiller; vendo-a regeitada pelo jury, que a classificou em terceiro lugar, tentou fazel-a cantar em algum theatro secundario de França ou da Belgica. Consumiu n'essa diligencia alguns annos sem resultado.

Estas contrariedades encheram n'o de tristeza mas não de desanimo. Dedicou-se á musica symphonica, e conseguiu que a orchestra dos concertos Padeloup executasse algumas das suas composições n'esse genero. entre ellas foram mais notadas o «Divertissement» (1872), o «Concerto» para violino, executado por Sarasate (1874), a «Symphonia hespanhola» (1875), e o notavel concerto para violoncello. Começou então a ser considerado como um dos melhores symphonistas modernos, cujas idéas vigorosas e originaes eram tratadas com nobreza superior. A celebre «Rapsodia norueguesa», ouvida pela primeira vez em 1879¹, confirmou esta opinião.

Voltou-se então de novo para o theatro, que o tentava; o credito adquirido dava-lhe esperanza de que não perderia d'esta vez o trabalho. Sobre um poetico e interessante libretto — «Le Roy d'Ys» — escripto por Edouard Blau, começou a compôr os principaes trechos e a apresental-os em diversos concertos para vêr se as portas do grande theatro parisiense se lhe abriam em-

fim. Abriu-se com effeito mas só uma fissa, para lhe dizerem que n'e-se momento poderia passar, não uma grande opera mas apenas um pequeno bailado. Contentou-se o compositor com este «premio de consolação» e apresentou em 1882 o bailado «Naimouna», que o publico reprovou por completo. Acharam que a musica de Lalo era excessivamente original para ser dansada.

Boa desforra lhe foi a primorosa «Symphonia» em sol menor, executada com exito completo nos concertos Lamoureux.

Entretanto completou o «Roi d'Ys» em que trabalhava com grande amor, tendo finalmente a suprema satisfação de vê-la aclamada com o maior enthusiasmo na primeira representação, que teve logar em 7 de maio de 1887. Este goso não o alcançou porém antes de ter passado por grandes dissabores: receberam-lhe a partitura mais por imposição que por livre escolha, estudaram-n'a friamente, sem confiança no seu valôr; todos murmuravam apontando defeitos, receiando desastre. Depois todos os murmúrios se converteram em gritos de admiração, sobretudo desde que o auctor deixou de existir.

Ainda lhe foi permittido gosar outro triumpho, quando Diémer em 1889 executou magistralmente o seu esplendido «Concerto» para piano.

E mais nada. A lucta fôra longa, tenaz, violenta; o espirito resistia mas o corpo enfraqueceu. Desde o desastre de «Naimouna» que a doença deu os primeiros signaes alarmantes. Uma peça mimica — «Neron» — executada no Hyppodromo em 28 de março de 1891, já não foi feita por elle; extrahiu-a das suas obras o discípulo de Massenet, Xavier Leroux.

Finalmente extinguiu-se a chama que brilhara ardente mas cuja intensidade só depois de extincta é que foi reconhecida.

Falleceu em 23 de abril de 1892.

Lalo não conseguiu vêr publicadas todas as suas composições; a maior parte, mesmo algumas das que se executaram em publico, ficaram em manuscripto, e algumas, como o «Fiesque», mandou as imprimir á sua custa. As que figuram nos catalogos de diversos editores são apenas 53. Deixou tambem uma opera incompleta — «La Jacquerie» — da qual tinha sómente terminado os dois primeiros actos.

O trabalho de Lalo distingue-se pela originalidade e esmero, notando se-lhe tambem um certo esforço denunciando pouca espontaneidade.

¹ Foi executada em Lisboa nos concertos dirigidos por Colonne, em maio de 1882.

MUSICA RELIGIOSA

UMA eterna questão que o doutrinário não resolveu ainda, e que a pratica vai envolvendo e revolvendo a seu talante.

Reduzida á expressão mais simples, pôde pôr-se n'estes termos: A musica religiosa constitue ou deve constituir um ramo especial da arte, completamente distincto e adstricto a determinadas fórmulas?

Para ter uma opinião fundamentada a tal respeito é necessario primeiro do que tudo saber o papel que a musica exerce no culto religioso e conhecer a historia da sua admisión no christianismo.

Sabe-se que a arte em geral é o mais poderoso meio de que dispõe a religião para se manifestar, agitando a sensibilidade e a imaginação, elevando o espirito acima do materialismo, concorrendo por conseguinte com as mais activas forças para o aperfeiçoamento moral da humanidade, fim legitimo da religião pura; diz Cousin que a arte «é a expressão da belleza moral por meio da belleza physica».

Particularmente a arte musical, pelo seu character de expressão indeterminada, é a mais propria para excitar o sentimento religioso, d'um modo mais elevado que a pintura e a esculptura porque não representa objectos materiaes nem falseia os espirituaes, com mais segurança e efficacia do que a propria eloquencia porque não teme as contradicções.

Unida com a poesia, forma um conjuncto eminentemente seductor a que nenhum ente humano bem organizado pôde ficar insensível.

Por isso de nenhuma religião falla a historia que tenha deixado de contar com a musica como auxiliar indispensavel.

● christianismo admittiu-a desde o seu principio, e n'este ponto conformou-se absolutamente, sem solução de continuidade, com as praticas do hebraismo. Mas não adoptou sómente os canticos tradicionaes da lei mosaica; não professaram o credo apostolico sufficiente numero de levitas que, acompanhando pelo mundo a propagação do evangelho conservassem e transmittissem esses canticos na sua pureza. Onde quer que se estabelecia uma igreja immediatamente se entoavam hymnos sagrados, mas cada um cantava o que sabia; aqui eram os psalms trazidos da synagoga, alem farrapos de melodias gregas; e por toda a parte sobressahia sempre o canto popular com as fórmulas caracteristicas de cada nação; no oriente luxuosamente modulado em florea-

das neumas, no occidente mais simples e magestoso. Nenhuma restricção, nenhum preceito hieratico. «Cantem — disse S. Paulo aos ephesios e aos colossenses — cantem psalms, hymnos e canticos espirituaes.» Mas não lhes dictou regras sobre a fórma musical do canto.

Nem podia dictar-lhes, porque a arte não é um dogma; une-se com a religião mas deve conservar a sua independencia. «Quando a arte perde a liberdade — diz ainda Cousin — perde todo o seu encanto e todo o seu prestigio.»

Santo Ambrosio no seculo IV compilou as melodias que se cantavam na sua igreja e, naturalmente, esses cantos tinham as fórmulas usadas no tempo e no logar em que o compilador se achava, embora muitos d'elles fossem de origem remota.

Dois seculos mais tarde S. Gregorio fez o mesmo, em mais larga escala e com mais auctoridade visto ser o chefe da igreja, mas as melodias gregorianas sahiram caracteristicamente diversas das ambrosianas. Com o decorrer dos tempos, umas e outras se transformaram a ponto de chegar hoje a historia, ao cabo de laboriosas investigações, á conclusão de que nenhum canto existe na igreja que tenha exactamente a fórma primitiva, e que mesmo essa fórma é impossivel de se restabelecer de uma maneira authentica.

É o conjuncto dos cantos compilados por Santo Ambrosio e S. Gregorio, conservados tradicionalmente com uma fidelidade contestada, ou imitados — deturpados em muitos casos por diversos auctores — conjuncto que constitue o que se chama *cantochão*, a fórma propria da arte religiosa?

Porquê?

Pela sua origem? Por ter sido estabelecida pelos mais respeitaveis varões do catholicismo?

Mas esses santos padres que organizaram os cantos religiosos nada inventaram e nada crearam; não fizeram mais do que auctorisar e pôr em ordem o que no tempo d'elles estava já inventado e creado. Se a arte n'aquella época estivesse no ponto em que se encontra hoje, as melodias de S. Gregorio seriam certamente coisa muito diversa d'aquillo que ficaram sendo. Demais: como ellas foram respeitadas pela tradição já nós dissemos. Que se conservem no estado em que se encontram hoje, perfeitamente; é um dever piedoso, e sobretudo util como procurarei demonstrar. Mas que se lhes dê um character dogmatico, é impossivel porque não lhes compete.

Terão por ventura a proeminencia porque o seu estylo melhor se coaduna com o

sentimento religioso, como tem affirmado muitos defensores do cantochão?

Essa affirmativa é até certo ponto bem fundamentada. Com effeito: uma melodia gregoriana — qualquer antiphona ou canticão, o *Te Deum*, por exemplo, ou o *Tantum ergo* — tem, quando entoada n'um perfeito unisono por muitas e boas vozes, uma certa magestade que se lhe não pôde contestar e que verdadeiramente impressiona em muitas occasiões. Mas o emprego continuado d'aquelle canto uniforme, modulando sempre os mesmos sons, repetindo incessantemente as mesmas passagens, sem rythmo, sem harmonia, sem uma sombra sequer de variedade ou de expressão, torna-se de uma monotonia esmagadora. O canto n'estas condições deixa de ser uma arte expressiva porque representa a expressão nulla. Nada mais fastidioso, nada mais anti-artístico.

E se o cantochão, pelo menos no seu emprego constante, não pôde considerar-se uma verdadeira manifestação artistica porque não satisfaz as condições estheticas indispensaveis para que uma arte subsista, claro está que não pôde por si só ter a supremacia, e muito menos o exclusivismo como arte religiosa. Por isso a igreja não conseguiu impol-o como forma unica; apenas conseguiu a sua separação e, como consequencia, o seu immobilismo. Teve porém de tolerar a musica profana, como uma satisfação ao sentimento publico.

D'aqui uma serie de factos extraordinarios durante a Edade média: o clero entoava os seus canticos; o povo respondia-lhe com as suas canções. Depois os padres para conciliarem os canones com a popularidade, admittiram a junção; desde o seculo XII que as cantigas profanas se misturavam com as melodias de S. Gregorio do modo mais estupendo. Os mensuralistas revestiam o cantochão de floreos contrapontos e tomavam para themas accessorios fragmentos de cantigas populares, não poucas vezes obscenas.

ERNESTO VIEIRA.

(Continúa.)

CONCERTOS

A seguir ao magnifico concerto organizado por Alberto Sarti e que foi um justissimo triumpho para o talentoso maestro e para os seus discipulos, realisou-se no mesmo Salão do Conservatorio em 21 uma outra audição musical, que teve por intuito a apresentação publica do sr. Theo-

philo de Russell, pianista talentoso e modesto a que já nos referimos na *Arte Musical*.

O sr. Russell evidenciou nos uma grande facilidade de mechanismo, nem sempre impecavel. Ha de conseguir muito, se perseverar no trabalho e se fizer um estudo serio das diversas escolas e dos diversos estylos, para poder imprimir á interpretação de cada um dos auctores a feição artistica que lhe é adequada. Na arte tão complexa de tocar piano, é justamente a nitida comprehensão dos diversos modos de ser dos principaes compositores, que dá o grande valôr ao concertista, abstracção feita, já se vê, das esabrosas difficuldades de mechanismo que é indispensavel vencer. Está o sr. Russell n'um bom caminho em que não deve desanimar.

Como compositor, apresentou-se o sr. Russell com umas *Variações sobre o Hymno nacional*, cuja factura brilhante nos não conseguiu interessar e com uma *Ave Maria* para canto que a sr.^a D. Maria Madre de Deus Diniz detalhou com a sua habitual proficiencia.

Tomou tambem parte no concerto o illustre baritonó D. Francisco de Sousa Coutinho, que mostrou os admiraveis recursos da sua bella voz e os progressos indiscutiaveis do seu estylo, na romança da Estrella do *Tannhäuser*, e na canção da *Carmen*.

*

No mesmo domingo, 21, dava-se no Porto uma interessante maínee dos discipulos de Moreira de Sá, pianistas e violinistas, com um programma bem elaborado em que figuravam trechos de Beethoven, Schumann, Godard, Brahms e alguns dos antigos, Corelli, Viotti, Scarlatti.

O mestre tambem se apresentou com uma *Sonata* de Leopoldo Miguez, que foi muito victoriada.

A imprensa da capital do norte tece os mais rasgados elogios ao eminente professor.

*

Quinto e provavelmente ultimo d'esta época, foi o concerto que a Real Academia realisou no dia 25 em homenagem ao illustre presidente da Sociedade de Geographia, o sr. conselheiro Ferreira do Amaral. A vastissima sala completamente cheia accusando uma concorrencia de perto de mil pessoas, estava engalanada de bandeiras e gilhardetes em tom de festa magna. Programma da orchestra composto dos melhores trechos já conhecidos, sendo o mais novo, e seguramente dos mais interessantes, a composição de Victor Hussla, «A vida do marujo», ou-

vida com summo agrado e applaudida vivamente.

Dos solistas teve as honras da noite a ex.^{ma} sr.^a D. Ida Bordallo Pinheiro, gentil cantora de corpo franzino mas grande espirito, que despertou o entusiasmo do auditorio cantando as obras de Massenet e Puccini, aria da «Sapho» e «Addio» da «Boheme» com viva expressão, animada por uma voz pura, fresca e bem atnaja. Aos peidos de bis correspondeu com uma romança de Denza, ouvida com equal prazer. Recebeu tambem justos applausos a sua professora M.^{me} Victoria Mirés. Apresentou-se uma nova pianista, D. Amelia Costa, revelando excellente intuição artistica, energia e sangue frio, agradando principalmente na «Berceuse» de Grieg, «Cavalleiro phantastico» de Godard e «Melodia hungara» de Lizst. Os applausos que lhe foram tributados envolveram igualmente o professor, o sr. Thimoteo da Silveira. Por dever a que não queremos faltar, mesmo quando nos peze, notaremos a disparidade de apresentar a primeira parte da «Sonata pathetica» de Beethoven como introdução a trechos de Grieg e Godard; fragmentar as obras dos grandes mestres e juntar os fragmentos a companhias tão heterogeneas toca os limites do mau gosto.

Como surpresa, apresentou-se a filha do sr. conselheiro Amaral, D. Maria Christina, dedilhando no piano com delicado sentimento e boa expressão a segunda «Romança sem palavras», de Mendelssohn.

Teria deixado optima impressão pela graça amavel d'este trecho, se não se tivesse abalançado á mais ardua empreza do «Movimento perpetuo» de Weber; aquelles dedos gentis correndo pressurosos em busca de teclas que não encontravam e ferindo outras que não vinham a proposito, recordaram-nos palavras de Dante: *Guarda e passa*.

O alumno da aula de violino da Academia, sr. Vicente Pereira, executou o adagio e final do 22.^o concerto de Viotti, composição excellente para ser executada, completa, em audição intima de entendidos, mas deslocada n'aquelle meio.

*

Apresentação de alumnos da Academia, em 29, na mesma sala Portugal.

Concorrida e alegre festa, animada por algumas dezenas de rostos juvenis e em permanente riso, realçada com profusão de flores, ruido de applausos e mutuas congratulações; se uma nuvem de tristeza obscureceu por um momento o auditorio ao ver faltar a memoria e o animo a quem talvez tivesse confiado em excesso n'uma e n'outro,

foi nuvem passageira que nem mesmo chegou a produzir o orvalho de algumas lagrimas como costuma succeder em taes occasiões. Mas estes casos inesperados tambem constituem lição que deve ser aproveitada.

Se entre os alumnos das differentes aulas, uns se distinguiram mais do que outros, como é muito natural, todos se apresentaram correctamente, mostrando um estudo cuidadoso e sério.

A sonata a dois pianos, de Clementi, executada por D. Amelia Jacques e D. Elvira Souza, correu perfeitamente apezar dos perigos em que podia cahir se não tivesse sido cuidadosamente ensaiada; outro tanto se pôde dizer do «Menuet da la Mariée», de Thomé, tambem para dois pianos, executado por D. Sophia Ardisson Lobato e o pequeno Raul Gaia. A solo no piano foram executadas com perfeita correcção a «Valse tendre» de Pessard, por D. Sophia Lobato, a «Phantasia» de Haydn, por D. Margarida Casaes de La Rosé, e o «Minuete» de Paderewski, por D. Lucilla Moreira.

Da aula de violino apresentaram-se os discipulos de D. Alice Silva: Mario Pereira, meninas Luiza Coelho de Campos e Eugenia Crespo; estas duas alumnas representam duas promessas auspiciosissimas: Luiza, gentil creança que nem sabe o que seja seriedade, Eugenia, um pouco mais avançada nos annos e no estudo, tem ambas todo o apurmo, animação e nervo que constituem os elementos proprios para formar artistas festejados pelo publico.

Discipulos de violino, dirigidos por Victor Hussla, apresentaram-se Carlos Estevão de Sá, Raul da Silva Pereira e Augusto Gomes. O primeiro executou tres pequenos trechos de Hauser, o segundo os quatro «Morceaux caracteristiques» de Hussla, e o terceiro dois numeros de Lauterbach. Escusado é fazer encomios de discipulos de Hussla e basta assignalar que estes são dos mais distinctos; acrescentemos que Raul Pereira tem feito progressos constantes não desmentindo os vaticinios que a seu respeito fizemos em tempo, e concluamos que Augusto Gomes é um successor de Cecil Mackee.

Os numeros de piano e de violino foram intercalados com um solo de flauta executado pelo alumno Claudio Pinto, que mostrou acanhamento e receio mas não falta de desenvolvimento na execução. Outro numero que despertou interesse foi o côro de alumnos, que cantou tres pequenos trechos de Bordèse.

As alumnas do curso superior de piano, dirigido por Hernani Braga, não se apresentaram ainda a solo, mas a demora não é perdida; para o anno as ouviremos. Encarre-

garam-se porém da maior e mais importante parte dos acompanhamentos, facto novo cuja utilidade é bem evidente; a missão de uma escola de musica não consiste unicamente em ensinar algumas peças executadas embora correctamente.

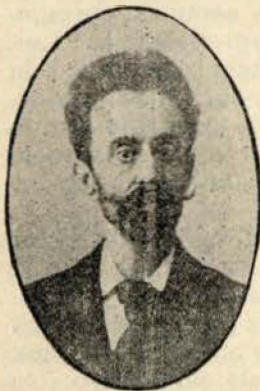
*
O *Orpheon portuense* tambem não descança.

Na mesma noite de 29 dava esta prestimosa associação mais um concerto, cujos principaes elementos foram os maestros Moreira de Sá e Roncagli, que por si proprios e pelos bons discipulos que apresentaram, deram mais uma vez a medida exacta do seu grande valor.

Por absoluta falta do espaço, não podemos publicar o programma.

GALERIA DOS NOSSOS

Augusto Machado



Os nossos musicos contemporaneos que se teem dedicado á composição, e que n'essa especialidade mais se teem elevado no concerto publico, o mais delicado, por natureza e por educação é, sem duvida, Augusto Machado.

Pondo em pratica, com perfeito bom senso, o preceito «conhece-te a ti mesmo», seguiu a sua natural inclinação procurando na escola franceza os modelos que melhor servissem para afeiçoar e aperfeiçoar as proprias inspirações.

Assim é que a musica de Machado, aquella que mais apreciada tem sido, dimanada directamente de um temperamento franzino mas delicado, cuja corda sensível se encontra afinada pelo diapasão dos mestres francezes modernos, a começar em Massenet.

E como Massenet, tambem, Machado torna-se grande quando quer mostrar-se pequeno, diminuindo de estatura nas occasiões em que tem de apparentar grandeza.

Augusto Machado é o nosso musico dos sentimentos delicados, como Alfredo Keil é o phantastico despertador das sensações fortes.

Fux.

BEEHMOVEN

(Ao seu magistral interprete Rey Collaço)

Oh surdo estranho que tão bem ouviste,
Deus transviado n'este mundo ignaro,
Se o genio é como um diamante raro,
A luz, que o teu gerou, onde é que existe?

Refaz-se tudo pela terra triste,
Mas o Destino, impiedoso e aváro,
Guarda consigo o molde teu, tão caro,
E o pó divino d'onde emfim saiste!

Por isso eu vejo, oh secular gigante,
Fulgir teu nome — lá de tão distante,
Sol que nasceu — para luzir sem par!

E sinto-te viver em Harmonias,
Em Rhythmos, em Sons, em Melodias,
Que eternamente nos farão vibrar!...

14 maio 99.

AFFONSO VARGAS.

DE PARIS

Notas e impressões

Maio, 4.

Com a habitual concorrência e exito realisou-se hoje no velho salão do Conservatorio o 3.º concerto annual dos alumnos das classes de estudos collectivos.

Estas interessantes audições, de que gosam apenas umas duzias de privilegiados, constituem um verdadeiro acontecimento musical — tanto pela sua significação artistica, como pela sua raridade verdadeiramente inexplicavel.

Movidos sem duvida por uma modestia que nós achamos algo excessiva, os srs. Tafanel, Marty e Lefèvre apresentam em publico uma vez por anno, apenas, os seus *enfants prodiges*. . . Ora, o respeitavel publico acha que é pouco.

Seria, na verdade, bem mais rasoavel organizar duas audições; uma para as mães e *concierges*, outra para os musicos que, ás vezes, tambem se interessam por estas manifestações artisticas. . . *On contenterait tout le monde et son père*.

Um outro ponto que merece igualmente um pouco de attenção e zelo, é a composição dos programmas e a ordem da sua execução.

A origem d'estas audições foi a ideia de

poder fazer executar publicamente as obras dos novos, de alguns dos alumnos das classes de composição. Bem sabemos que é exigência demasiada querer que no curto espaço de 3 annos se possa discutir e adoptar tão grave resolução, mas alguns d'esses novos, — aquelles que são obrigados a abandonar a *vieille boîte* — não partilham a nossa razoavel e experiente opinião; queixam-se de uma certa morosidade nas decisões administrativas.

Todavia, como começo de satisfação e para mostrar que o fim principal não vem longe, os organisadores do programma fizeram executar este anno a *Batalha de Marignan* de Jannequim (1480), o motet *Quam dilecta* de Rameau (1700), a *Symphonia em mi b* de Haydn, etc!...

*

Cathedral de Rêims

Dia 11.

Tivemos a boa fortuna e a honrosa distincção de receber um convite para assistir á 1.^a audição da nova obra de Mr. Theodore Dubois.

O *Baptême de Clovis* — oratorio composto sobre uma Ode do Papa Leão XIII, — é, sem duvida, uma das melhores produções do illustre director do Conservatorio de Paris.

Pareceu-nos uma obra bem comprehendida, de factura solida e cuidada; encerra bellas paginas em que os habituaes defeitos do auctor são attenuados por boas intenções, combinações felizes e optimas proporções de construcção.

São dignos de menção o preludio da 2.^a parte, o côro em *pianissimo*, desenvolvido chromaticamente, que a liga á 3.^a e o final d'esta, — um pezado e imponente choral em estylo fugado. Uns 200 musicos sob a direcção, mais sincera do que segura, do auctor, executaram brilhantemente a obra.

Já com o pé no estribo, de regresso a Paris, foi-nos communicado o texto de um telegramma em que Sua Santidade, n'um voto de caridade e amor, nos abençoava a todos; — compositor, executantes e ouvintes...

E entrámos em Paris com a boa impressão de uma pittoresca viagem de uma bella audição musical e da intima e religiosa uncção de uma benção papal.

FA-DO-DA.

*

P. S. — Dia 24. — Deve realizar-se hoje na Opera Comica, a 1.^a representação de *Cendrillon* de Mr. Massenet; d'ella lhes falarei nas seguintes notas.

COLYSEU DOS RECREIOS

As operas e operettas cantadas durante os ultimos 15 dias pela companhia italiana de Emilio Giovannini foram: *Traviata*, *Dinorah*, *Carmen*, *Fatinitza* e *A Filha da Senhora Angot*. Para hoje annuncia-se a *Lucia di Lammermoor*.

A *Dinorah* foi sem duvida a opera que até hoje obteve um desempenho mais igual no seu conjuncto. Tornou-se porém muito digna de nota a excellente interpretação dada pelo tenor comico Grossi ao papel de Corentino, que mesmo em theatros de primeira ordem muitas vezes não satisfaz. A sr.^a Wermez cantou muito bem a difficil aria *Ombra leggera*, conhecida pela valsa da sombra. A muita facilidade com que esta artista vocalisa, a correcção no modo de dizer as phrases, sabendo ao mesmo tempo respirar com verdadeira arte, deram-lhe occasião a ser alvo d'uma das maiores ovações a que na presente época temos assistido no Colyseu.

A *Traviata* teve tambem na sr.^a Wermez um desempenho que, se fosse melhor coadjuvado da parte dos outros artistas e principalmente por um tenor mais rigoroso na afinação, deixaria bem mais satisfeitos os amadores da opera essencialmente melodica.

Na *Carmen* apresentou-se a meio-soprano sr.^a Izabel Riera que, apesar de todos os esforços por ella empregados, não logrou satisfazer cabalmente o nosso publico, que n'esta opera tem por vezes umas exigencias que vão alem do que realmente é justo, principalmente n'um theatro cujas cadeiras custam o commodo preço de 600 réis cada uma.

No Tonio dos *Palhaços* e no Escamillo da *Carmen* apresentou-se ultimamente o barytono portuguez Ex.^{mo} sr. D. Francisco de Sousa Coutinho (Redondo).

A magnifica voz do sr. D. Francisco não é novidade para os nossos *dilettanti*, que muitas vezes o teem ouvido e applaudido em concertos e ainda ultimamente no theatro de D. Amelia. Assim o sr. D. Francisco tivesse a pratica de palco precisa para poder dar aos papeis de que se encarrega um desempenho melhor. Tudo, porém, se adquire com o tempo.

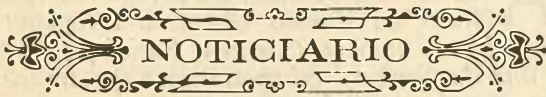
Fatinitza e *A Filha da Sr.^a Angot* tiveram um desempenho regular e digno de applauso.

Tanto as operas como operettas teem sido repetidas, como não podia deixar de succeder, desde que o publico assim o in-

dica, enchendo ás vezes completamente a vasta sala do Colyseu, como em muitas noites tem acontecido.

29 de maio.

ESTEVES LISBOA (*Aristes*).



Do Estrangeiro

Ultimamente foram vendidos em leilão, no hotel Drouot, de Paris, os instrumentos do excellente altista Trombetta, fallecido ha pouco tempo. Um violino com a marca «Antonius Stradivarius, 1736», embora de authenticidade duvidosa alcançou o preço de 5:850 francos. Uma viola de Gaspard da Salo vendeu-se por 1:220 francos, um violino de Gand e Bernardel (1885) por 435 francos, um violoncello de Chatelain por 385, uma viola de Villame por 380. Alguns arcos obtiveram preços que foram julgados excessivos; assim um arco de Pajot atingiu o preço de 160 francos; dois de Voirin chegaram a 135 e 130, um de Lafleur, para violoncello, vendeu-se por 75 francos.

*

Cantou-se ultimamente em Monaco, com enorme exito, uma opera allemã—*Der Fremdling* (O estrangeiro)— composta pelo tenor Henri Vogl. Este cantor que se estreia agora na difficil carreira de compositor, não está exactamente no verdor da idade, pois que completou já os seus 55 annos e ha 30 que faz parte da companhia do «Hoftheater» d'aquella cidade. Fez porém sérios estudos antes de ser cantor, e tem algumas pequenas obras feitas na mocidade, que, conquanto sejam quasi desconhecidas, attestam um musico bem dotado.

*

«A Colonia libera» é uma nova opera italiana, musica de Pietro Floridia, que se cantou ultimamente em Roma com muito exito.

Floridia é um pianista e compositor siciliano bastante estimado em Italia, que já tem apresentado duas outras operas—«Carlota Cleprier» (Napoles, 1882) e «Maruzza» (Venezia, 1894); tem tambem escripto diversas composições symphonicas e de camara. O libretto da «Colonia libera» foi feito pelo poeta italiano actualmente em voga, Luigi Illica, que extrahiu o assumpto de uma novella americana de Bret-Hart.

*

Outra opera nova italiana «La Nave», drama symbolico, musica de Arturo Vaubianchi; cantou-se em Genova, e dizem os jornaes ter agradado.

*

A «Opera» de Paris apresentou o primeiro acto do grande drama lyrico «Briseis», obra posthuma do malogrado Chabrier, que deixou completo apenas aquelle acto, ficando todo o resto da obra apenas em esboço.

BIBLIOGRAPHIA



Annuario scolastico del Liceo musical Rossini di Pesaro, 1897-98.

O Lyceu musical de Pesaro, fundado por um legado de Rossini e dirigido por Mascagni, entrou no 17.º anno da sua existencia publicando o annuario escolar do anno precedente. Nota esse livro o grande desenvolvimento e aperfeiçoamento que o estabelecimento tem tido, realisando grandes concertos, representando uma opera—«Lisette»— composta por um alumno, augmentando consideravelmente a bibliotheca, etc. Creou este anno um novo curso de composição para musica sacra e tornou obrigatorio o curso de solfejo entoado. O numero de alumnos não é relativamente muito numeroso: 148 no anno findo, 155 no anno actual. Ha uma escolha rigorosa, rejeitando-se os alumnos que não mostrem decidida vocação.

*

Beiträge zur lehre von der Musikalischen Komposition von J. E. Habert. Editor Breitkopf e Härtel. Novo tratado de composição musical escripto pelo notavel theorico allemão J. E. Habert, que consagrou o seu trabalho «á memoria do principe da musica, Pierluigi da Palestrina». Esta consagração indica sufficientemente o espirito da obra e a orientação do seu auctor, baseada exclusivamente na polyphonia dos seculos XVII e XVIII.

*

Geschichte der Klaviermusik. Editor Breitkopf e Härtel. É uma nova e muito mais desenvolvida edição da «Historia da musica de piano» por Weitzmann, cuja primeira edição appareceu em 1863, e a segunda em 1879. Está publicado o 1.º volume, que comprehende a historia do instrumento e da sua bibliographia desde 1450 até á morte de Rameau e de J. S. Bach. O 2.º volume tratará do periodo moderno.

*

Almanach des Spectacles. XXVII anno, 1898. Conhecida e curiosa publicação annual colligida por Albert Soubies, especialista n'este assumpto, e publicada pelo editor Flammarion.